

ESCOLA E SOCIEDADE: EM BUSCA DE NOVAS REFERÊNCIAS CULTURAIS - RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Maristela Rosa

Acadêmica do Curso de Ciências Sociais da UFSC

Janice Tirelli Ponte de Sousa

Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFSC (Coordenadora)

janice@cfh.ufsc.br

Resumo

O artigo relata a extensão universitária na Escola Lúcia do Livramento Mayvorme, localizada na Comunidade do Monte Serrat em Florianópolis, com o objetivo de reestruturar e revitalizar o papel social da biblioteca escolar, voltado para a formação sociológica de jovens leitores.

Palavras-chave: Os jovens e o saber; Jovens e leitura; Biblioteca escolar.

Introdução

O Projeto *Escola e Sociedade: em busca de novas referências culturais* aproximou o saber acadêmico dos problemas e dificuldades que vivem as escolas públicas estaduais no município de Florianópolis. A proposta de intervenção, como extensão universitária, nasceu do conhecimento e contato com um estudo diagnóstico¹ da Biblioteca da Escola Lúcia do Livramento Mayvorme que detectou a sua precariedade, relacionando-a com as dificuldades estruturais da escola e da comunidade onde está inserida.

A Escola Lúcia do Livramento Mayvorme está situada na comunidade do Monte Serrat, região que enfrenta problemas sociais decorrentes do envolvimento de parte de sua população com o crime organizado e o tráfico de drogas. Nela se evidenciam a ressonância da violência, da precariedade social e econômica sob a qual vivem os moradores da região e, também nela, se reflete a cultura da brutalidade que serve de referência cotidiana para os seus jovens / alunos.

¹ Estudo realizado por Anderson Magno Ferreira, graduado em Biblioteconomia pela UFSC, morador da comunidade do Monte Serrat e ex-aluno da Escola Lúcia do Livramento Mayvorme.

O projeto de extensão procurou atuar com respostas qualificadas sintonizadas com uma perspectiva pedagógica crítica e sensível compreendendo a instituição educativa como capaz de intervir neste processo complexo que envolve a família, os professores, os jovens e o Estado.

Com o objetivo de indicar novas referências culturais para as crianças e jovens da escola capacitando-os social e culturalmente, o projeto teve início com a revitalização social da biblioteca no outono do ano de 2002. Nossa proposta começou num dos espaços precarizados da escola, a biblioteca, com a sua reestruturação física, vista como ponto de partida para toda a mudança pretendida. A questão da leitura passou a ser tratada como instrumento de aquisição de conhecimentos para além dos textos, nas formas mais variadas de sociabilidade; procurou destacar a biblioteca escolar como mediadora do conhecimento, resgatando o seu carácter de informadora central da escola, espaço de convivência e de reflexão.

Desta forma, iniciamos um processo de reeducação dos estudantes para a utilização adequada das coleções de livros e outros documentos que compõem o seu acervo. O objetivo era capacitá-los quanto à utilização de bibliotecas em quaisquer outras instituições por eles frequentadas e proporcionar a compreensão dos sistemas utilizados para o controle dos acervos, bem como das suas regras de funcionamento.

O interesse no estudo da relação entre os jovens e o saber no campo institucional da escola aproximou o trabalho voluntário de alunos que posteriormente, integraram-se² como bolsistas, articulando o objetivo central da proposta de revitalização da biblioteca numa equipe interdisciplinar.

Com o passar do tempo, o desenvolvimento do projeto e o conseqüente aumento das atividades nas suas diferentes etapas, a biblioteca e o cotidiano escolar tornaram-se campo de pesquisa, e seus usuários, objetos / sujeitos de estudo, o que contribuiu para nossa análise do papel social da biblioteca para a formação do aluno, da importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem e da influência deste espaço de convívio na relação professor-aluno.

Material e Métodos

O trabalho foi desdobrado em eixos interdisciplinares de atuação que tiveram procedimentos metodológicos distintos, mas, compostos em ações conjuntas, desde a sua concepção à sua implementação.

² Tanto da área da Biblioteconomia quanto de Ciências Sociais da qual faz parte a co-autora do presente texto.

O primeiro eixo desenvolveu um trabalho direto na biblioteca da Escola Estadual Lucia do Livramento Mayvorme voltado para uma reestruturação e revitalização do seu espaço físico bastante precário, modificando sua estrutura com a compra de móveis novos, recriando a biblioteca a partir de uma intervenção técnica na implantação de padrões de referência, reorganizando seu acervo e modernizando o ambiente de consulta com a compra de um computador. A aquisição deste equipamento e a formalização da contratação de um bibliotecário, que ficou responsável pela biblioteca no período vespertino durante o tempo de duração desta etapa do projeto¹, viabilizou-se com recursos do do governo do Estado de Santa Catarina. No período matutino o revezamento entre os bolsistas do projeto tornou possível o contato direto e um convívio maior com alunos, funcionários e professores.

Durante estes plantões de atendimento na biblioteca foi possível refletir sobre a forma como está estruturada a escola, qual o verdadeiro papel da biblioteca escolar, como acontece o processo de ensino-aprendizagem, como se constroem as referências para as crianças e sobretudo como ocorre em seus detalhes a relação professor-aluno. Estes aspectos observados serviram de base para as análises desenvolvidas numa segunda frente de trabalho ou eixo de abordagem do problema.

O segundo eixo realizou um *Estudo de Usuário* para respaldar as ações do projeto visando atuar mais diretamente nos problemas que dificultavam o interesse dos alunos pela leitura. O estudo foi realizado nos meses de novembro de 2002 a maio de 2003 com uma coleta de dados junto aos professores e alunos de 3ª a 8ª séries,. O questionário aplicado visou informações a respeito das práticas pedagógicas e condições de aprendizagem oferecidas em sala de aula, dos hábitos pessoais e familiares e das diferentes relações que colocam os alunos e os professores em contato com o mundo da informação. Os dados analisados foram colhidos através de questões dentre as quais destacam-se: “Como os professores entendem o papel da biblioteca?”, “Como motivam seus alunos para a leitura?”, “Com que frequência os alunos vão à biblioteca?”, “O que gostam de ler e por quê?”, “Como deve ser a biblioteca?”. Ao final do questionário os alunos deveriam colocar uma sugestão para o nome da biblioteca a ser referendado através de uma eleição, que foi realizada em maio de 2003.

Promovemos também atividades formativas de caráter sócio-cultural dando ênfase na capacitação dos jovens das séries finais 7ª a 8ª séries; criamos materiais didáticos para as dinâmicas executadas como o roteiro apostilado para as Oficinas de Sociologia que foram realizadas com as turmas destas séries. As oficinas tiveram como objetivo apresentar aos

¹ A 2ª etapa do projeto Escola e Sociedade se realizou através do Pro-Extensao 2003-2004 e se propôs a preparação de um grupo de alunos para a formação de uma Rádio Escola.

jovens alguns conceitos básicos para instrumentalizá-los no exercício da sua imaginação sociológica. Pretendia-se que a partir da curiosidade sobre a realidade social o aluno se dispusesse à informação que o mundo pode lhe oferecer. A proposta era fazer com que meninos e meninas interagissem no processo de revitalização da Biblioteca da sua escola compreendendo a dimensão ampla que envolve socialmente a comunicação entre pessoas e os livros.

Os conteúdos foram apresentados em quatro eixos temáticos centrais: Quem sou? Onde estou? O que querem de mim? O que posso? Questões proposta para provocarem a auto-compreensão dos jovens como seres históricos, membros de uma sociedade composta por grupos com diferentes condições e interesses, e, que neste conjunto, eles são partes de um segmento distinto do mundo adulto, como criança e como jovem. Propôs-se a reflexão sobre o que é a sociedade humana e a necessidade de seus membros estabelecerem padrões de convívio social para manterem sua continuidade por meio de instituições e papéis sociais; a discussão das noções de sociedade, instituições, papéis sociais e cidadania. As idéias norteadoras pretendiam conduzir o estudante à análise crítica da sua condição de inserção numa teia de relações sociais onde de cada um “espera-se” direitos e deveres; da estrutura da sociedade moderna capitalista e como ele se insere nela na condição de sujeito, para refletir a respeito das “alternativas de resistência” aos aparelhos de controle social e as suas possibilidades. Além destas oficinas foram realizadas também, oficinas de literatura para os professores com especialistas convidados e contações de histórias para as crianças.

Ao longo do processo, criou-se atividades e iniciativas temáticas integradoras com os alunos no processo de reestruturação do espaço físico da Biblioteca de forma participativa como a eleição para o nome da biblioteca que aconteceu em maio de 2003 em dois turnos e a confecção das carteirinhas de usuário que já foram entregues às crianças.

As atividades desenvolvidas pela equipe deste projeto, junto com especialistas convidados durante o processo, procuraram incorporar as expectativas da comunidade escolar. Envolvermos o corpo docente em todas as etapas do projeto bem como outras pessoas da comunidade que participaram voluntariamente das atividades desenvolvidas, principalmente, alunos dos cursos de Ciências Sociais e Biblioteconomia. As atividades de formação foram incorporadas como parte do processo de reestruturação da biblioteca escolar à nova dinâmica de valorização como espaço de convívio cultural e construção do conhecimento.

O projeto inseriu-se na rede de ações movimentalistas da cidade de Florianópolis em conjunto com o Fórum da Cidade, instalado em 2001 e o Fórum do Maciço Central criado pelas organizações populares que atuam na localidade, numa tentativa de quebrar o

isolamento do resto da cidade e resistência à imposição de uma realidade que seduz crianças e jovens à *economia da droga*. Esta rede envolve organizações não-governamentais, associações civis e comunitárias, professores universitários, estudantes, profissionais e demais cidadãos e atinge um amplo espectro de atuação popular sobre as questões sócio-ambientais, político-organizativas e sócio-educativas das comunidades locais. Sendo assim, no transcorrer dos trabalhos acompanhamos as deliberações do Fórum através das atividades desenvolvidas na Comissão de Educação.

Resultados e Análise

Nos primeiros meses de trabalho nos dedicamos a avaliar a coleção de livros da biblioteca visando a sua adequação às necessidades informacionais de seus usuários; descartamos os documentos desatualizados ou inadequados aos objetivos de uma biblioteca escolar; iniciamos o procedimento de registro da coleção de livros a fim de que se conhecesse sua composição e fosse possível controlá-lo adequadamente; iniciamos a elaboração de um regulamento para a circulação interna e externa do acervo; e realizamos um cadastramento dos usuários reais da biblioteca criando a carteira do usuário com foto e dados da escola para motivá-los com relação à sua cidadania escolar; reestruturamos a biblioteca, proporcionando maior espaço para a circulação dos usuários e melhor organização da coleção; iniciamos a distribuição dos livros nas estantes conforme critérios técnicos de classificação.

A contribuição dos recursos humanos das Ciências Sociais ao longo do processo de mudança operacional da biblioteca ficou mais visível na familiarização com as regras de registro, organização e empréstimo dos livros, até então desconhecidas para a área de Ciências Sociais, o que resultou no apoio operacional de grande valia para o bibliotecário.

O mesmo envolvimento ocorreu na realização do Estudo de Usuários que tinha como objetivo traçar um perfil que demonstrasse o grau de interesse e de frequência das pessoas na biblioteca e qual o seu papel para professores e alunos. Através de questionários aplicados constatou-se que todos os professores reconhecem a importância da biblioteca no incentivo da leitura e no auxílio à pesquisa. A maioria dos professores a utiliza e, de modo geral, estão satisfeitos com ela em termos de atendimento, acervo e espaço físico. Mas, apesar da importância da biblioteca ser destacada pelos professores, ela parece não fazer parte do seu contexto de ensino, pois, não é considerada como recurso do trabalho de sala de aula mas como uma extensão instrumental de apoio muito relacionada ao uso de materiais como mapas,

livros didáticos, enciclopédias, dicionários, o que é necessário, porém, insuficiente no cultivo de um gosto pelo conhecimento.

Na análise das respostas dos alunos verificamos a importância da escola nas suas vidas e que a consideram “responsável” pela sua capacitação para atender às normas sociais e garantir sua mobilidade social. Eles criticam a organização e as condições físicas da escola e confessam o desejo de que ela seja calma e segura, de que haja o respeito entre professores e alunos.

Em relação ao uso da biblioteca pelos alunos, percebeu-se que a maioria entrevistada frequenta a biblioteca e, geralmente, o faz conduzida pelo professor. Sugerem que ela deveria ser melhor equipada e mais moderna, embora, pudéssemos perceber que eles não têm claro o papel da biblioteca em sua vida escolar, não conseguem entender o que podem fazer neste espaço e nem o que este espaço significa.

A partir do mês de maio de 2003, iniciamos as atividades de caráter educativo previstas, junto às crianças das 1^{as} e 4^{as} séries voltadas para o resgate da função da biblioteca no contexto da escola estimulando a utilização por parte dos jovens usuários.

Neste mesmo período, conseguimos a contratação de um bibliotecário para assumir, em tempo parcial, a responsabilidade técnica e organizativa da Biblioteca da escola, o que contribuiu para a facilitação da compreensão da nova perspectiva.

As atividades de contação de histórias realizadas buscaram despertar em cada um o gosto, o prazer da leitura e foram realizadas tanto no auditório quanto na biblioteca da escola. Pôde-se perceber os resultados com o aumento da frequência e da retirada de livros para leitura fora do horário de aula. O empréstimo de livros, até então só permitido nas dependências da própria escola, se incorporou ao cotidiano das crianças que passaram a levar os livros para casa e devolve-los conforme as novas normas estabelecidas.

Outra atividade de impacto foi a mobilização de toda a escola para a escolha do nome da biblioteca envolvendo professores, alunos e funcionários. Esta iniciativa atraiu as crianças para a biblioteca. O procedimento foi o seguinte: durante a pesquisa para realização de *Estudo do Usuário da Biblioteca*, a que nos referimos anteriormente, reservamos um espaço aberto para sugestões dos alunos de nomes para a biblioteca da escola. Com os onze nomes mais citados iniciou-se um processo eleitoral entre os três segmentos da escola, num primeiro turno, quando foram escolhidos três nomes para irem à uma decisão final numa segunda votação. Com a realização desta etapa a comunidade escolar escolheu o nome da biblioteca: *Espaço dos Estudantes*.

As Oficinas de Sociologia realizadas com alunos das 7ª e 8ª séries, apesar da preparação detalhada de todo o material necessário para sua realização, não ocorreram da forma que esperávamos. Tudo pareceu abstrato demais para o alcance das crianças que pareciam não entender o que estávamos tentando dizer, pareciam alheios à discussão. Não queriam estar ali, não estavam ouvindo. Tomando como referência a nossa experiência adquirida no convívio e observação do ambiente escolar, concluímos que os alunos não estão habituados ao debate sistemático e analítico das situações. Estão “acostumados” apenas a ouvir os professores que por sua vez, estão “acostumados” apenas a falar sem ouvir; esperam, passivamente, as informações sem fazer esforço, sem questionar, sem refletir. Para os nossos objetivos isso foi um obstáculo, pois, queríamos exercitar sua imaginação sociológica sobre questões que fazem parte da sua vida, que dependem do seu convívio em grupo.

A relação entre alunos e professores não consegue chegar ao estágio citado por Paulo Freire *“quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”*. Os professores parecem apenas “depositar” seu conhecimento nas mentes dos alunos e estes devem “armazenar” as informações até o momento de tirar o “extrato” no dia da prova. Não há a construção do saber, a relação do saber já adquirido com o que será apreendido, o que acontece é apenas a transmissão de conteúdos sem a preocupação de uma troca. Não são consideradas as diferenças de comportamento diante do saber, afinal cada um tem suas próprias características e sua própria relação como o saber e com o aprender. Ao ignorar o capital cultural e o direito de expressão dos jovens, os adultos tendem a trata-los como “tabulas rasas”, como peças que na maioria das vezes estão fora do lugar e que devem ouvir e obedecer. Ao serem agredidos o tempo todo com palavras ditas em tom de ameaças, com a falta de paciência e respeito que são tão necessários no processo de ensino e aprendizagem, o esperado acontece: os jovens reagem da mesma forma, ou seja, retribuem apenas o que recebem, no caso, impaciência, desrespeito e falta de interesse. Adultos e jovens parecem, muitas vezes, perdidos, presos atrás daquele local de muros altos, grades e cadeados por todos os lados que se chama escola. As pessoas parecem ter perdido a esperança nestes jovens, não depositam neles o mínimo de confiança e nem os estimulam a acreditar em si mesmos.

Considerações Finais

Esta experiência de extensão nos trouxe a reflexão sobre a teoria e a prática estabelecida nas relações dos alunos com o saber e com a escola.

Um primeiro aspecto que deve ser considerado é o que Charlot (2001) classifica como a *relação com o saber*³ que pode ser percebido quando se verifica que alguns jovens têm o desejo de aprender enquanto outros não. Esta diferença de comportamento diante do saber não deve ser explicada através das características que são atribuídas aos indivíduos como “não motivados”, pois, “não estar motivado” identifica uma relação com a aprendizagem. Para o autor é necessário que os professores reflitam a respeito desta relação entre o desejo e o saber e percebam, também, que no contexto da escola ela não acontece da mesma forma nas diferentes classes sociais. Estudos mostram que há mais reprovações entre os jovens menos favorecidos, mas também existem comportamentos diferentes dentro da mesma classe social, o que leva à afirmação de que a relação com o saber tem a marca da origem social mas não é determinada por essa origem. (op.cit.)

Apesar disso, percebe-se que alguns jovens das camadas populares, independente do seu desempenho na escola, fora dela, apresentam um comportamento que supõe um aprendizado mais profundo, como por exemplo, quando revelam-se “falantes” nas interações dos grupos que produzem os textos de *rap*.

É importante considerar que os jovens não aprendem a mesma coisa e nem da mesma forma pois, “*só há saber em uma certa relação com o saber, só há aprender em uma certa relação com o aprender*” (21-2001) , sendo que o que é aprendido só pode ser interiorizado pelo sujeito se fizer algum sentido para ele.

É neste momento que aparece o papel do professor. É dele a função de estabelecer a ligação entre o que se aprende e o que faz sentido ao jovem, e mostrar a importância de determinado(s) saber(es), pois, ensinar é uma ação que se inicia fora do sujeito, mas, só tem êxito, se produzir um movimento interior do sujeito. Aprender, desta forma, é uma construção que só é possível com a intervenção do outro, onde o professor é o mediador entre o jovem e o saber.

No contexto escolar podemos perceber que as relações entre professor e aluno são difíceis, com problemas de disciplina e falta de interesse, seja pela baixa qualidade de ensino oferecida, seja pelas condições de trabalho a qual os professores são submetidos: “*tudo se passa como se o jovem, ao rejeitar a escola e o professor, não conseguisse estabelecer uma relação pessoal e significativa com o saber, sobretudo com o saber escolar*” (33/34–2001). Então, se os educadores não conseguem ensinar e os alunos não conseguem aprender a escola não cumpre o seu papel de formação de jovens.

³ CHARLOT, Bernard. Os jovens e o saber. Porto Alegre: Artmed, 2001.

É necessário observar como se constrói a relação dos jovens com a escola e conseqüentemente com o saber escolar, para isso podemos nos questionar como os jovens “entram” na escola. Alguns apenas se matriculam e a freqüentam enquanto outros “entram” no sentido simbólico do termo, ou seja, participam das atividades, dos conteúdos, da “vida” da escola.

Os jovens chegam na escola com um certo capital cultural, ou seja, eles já possuem um saber, sua relação com o saber escolar não é construída a partir do nada, mas a partir de relações com o aprender já construídas, então, *“não se vai à escola para aprender, mas para continuar a aprender”* (149-2001). Mas, na escola, não se continua a aprender da forma como se aprendeu até então, se aprende coisas específicas de formas específicas. Para entrar na escola no sentido de participar da “vida escolar”, é preciso construir uma relação com o saber escolar, que ao mesmo tempo se apóia nas relações com o aprender já construídas, o que permite que o saber e a escola tenham sentido para o jovem/sujeito, pois, *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção”* (52-1996), que no caso se dá a partir do que já se conhece.

Infelizmente, não podemos afirmar que o processo de ensino e aprendizagem aconteça, na escola contemporânea, nestas condições. O que se observa é que o capital cultural do aluno não é considerado no momento da transmissão do saber escolar e “aprender na escola” é para ele, adaptar-se a um universo de regras percebidas como estranhas pois, geralmente, não se estabelecem relações entre os conteúdos e atividades escolares o que faz com que a escola seja apenas um instrumento de adequação dos jovens às regras sociais e ao mercado de trabalho.

Estas questões podem ser percebidas na escola foco de nossa intervenção, embora, muitas delas sejam discutidas no sentido de sua superação em reuniões pedagógicas frequentes do corpo docente. Os resultados alcançados no projeto, porém, são visíveis na indicação de novas referências culturais para os jovens dessa comunidade quando colocam o livro como um novo valor na relação com o saber.

Podemos afirmar que a revitalização do papel da biblioteca da escola, como foi proposta pelo projeto, direcionou para esse espaço maior interesse, demonstrou as possibilidades ampliadas do conhecimento na perspectiva de sua articulação com os outros setores da escola. No que diz respeito aos professores, novos hábitos criados e novas atividades que envolvem a biblioteca e suas possibilidades comunicativas passaram a ser estimuladas e indicam a importância que passaram a atribuir -lhe na relação dos jovens com o saber.

Referências

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Estudo de Usuário da Biblioteca da Escola Lúcia do Livramento Mayvorme. Relatório de Pesquisa . Pró – Extensão,2003.

Sousa, Janice T. P. **Estudo de Usuário da Biblioteca Escolar da E. E.L.L.Mayvorme**. novembro de2002.